

mercado coronavírus

Indústria volta a contratar no 3º trimestre

Pesquisas do IBGE reforçam expectativa de retomada da economia após tombo de 9,7% no PIB causado pela Covid-19

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO Os dados setoriais divulgados pelo IBGE indicam que o Brasil iniciou o terceiro trimestre em ritmo de retomada da economia, que despencou 9,7% no segundo trimestre. O cenário melhorou a confiança da indústria e já se traduz em recontração no setor de pessoal demitido no pico da crise.

Em julho, assim como no mês anterior, houve avanço nos três grandes setores pesquisados pelo IBGE: indústria, comércio e serviços. Mas, enquanto o segundo já retomou o nível de vendas pré-pandemia, o terceiro ainda vem em ritmo lento, mais impactado pelos efeitos do distanciamento em serviços prestados às famílias.

O cenário permanece com-

plicado, porém, no mercado global de trabalho, que ainda não deu sinais de recuperação e é bastante dependente da evolução do setor de serviços.

Após as divulgações do IBGE, a FGV calcula que o cenário apontava para um crescimento de 2,8% da economia em julho, na comparação com o mês anterior. É o terceiro mês seguido de alta no indicador, que subiu 3,9% em junho e 0,9% em maio. Ainda insuficiente, porém, para recuperar as perdas do pico da pandemia.

A expectativa do mercado é que os números continuem positivos, embora em ritmo menos intenso, já que o elevado desemprego e a redução do valor do auxílio emergencial devem enfraquecer o poder de compra do consumidor.

“Mas as disparidades seto-

riais devem permanecer, com destaque para os móveis e eletrodomésticos e material de construção”, ponderam analistas da LCA, citando os dois segmentos que ajudaram a impulsionar comércio e indústria nos últimos meses, ao lado dos alimentos e produtos de higiene e limpeza.

Representantes da indústria dizem que a retomada das encomendas após a reabertura da economia vem mudando os ânimos do empresariado, ainda que o setor opere com grande capacidade ociosa mesmo em segmentos que já apresentam recuperação.

“Estamos tendo recuperação grande, não só nos números de produção como também no índice de confiança do empresário”, disse o presidente da Abinee (Associação Bra-

leira da Indústria de Eletroeletrônicos), Humberto Barbato.

Mesmo que a utilização da capacidade instalada esteja em torno de 70%, a indústria eletroeletrônica já repôs metade dos 9.000 demitidos no período mais duro da crise.

Setores mais afetados pela pandemia, as indústrias têxtil e de calçados também já começaram a repor mão de obra. A primeira, por exemplo, chegou a fechar 70 mil postos de trabalho no auge da crise, mas teve saldo positivo de 2.200 vagas abertas em agosto.

“Já estamos numa situação melhor, e tudo indica que, se não tivermos nenhuma segunda onda, chegaremos ao fim do ano com operação de Natal próxima à do Natal de 2019”, diz o presidente da Abit (Associação Brasileira da Indústria

Têxtil), Fernando Pimentel.

Mesmo na indústria automotiva, que chegou a parar quase completamente a atividade, a confiança também é melhor. “Vamos ter uma queda substancial no ano, mas menor do que imaginávamos”, afirma o presidente da Anfa-vea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores), Luiz Carlos Moraes.

Os três setores foram pegos pela pandemia já em situação delicada, tentando se reerguer da crise iniciada em 2014. Com o fechamento de 25% da capacidade produtiva neste ano, a Abicalçados diz não esperar recuperar tão cedo o nível de produção anterior à crise. “A gente sai deste ano menor do que entrou”, disse o presidente da entidade, Haroldo Ferreira.

Para a recuperação, espe-

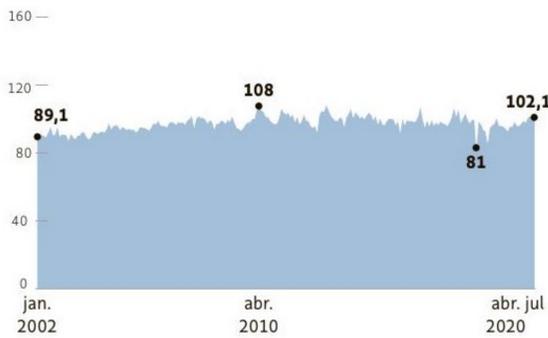
ram ainda medidas do governo para reduzir custos e melhorar a competitividade, como a reforma tributária. Ferreira defende também a renovação da desoneração da folha de pagamento.

Outra preocupação é a alta de preços, principalmente no setor agrícola, que não chegou a parar no pico da pandemia e hoje produz em nível recorde. Além do risco inflacionário e de seu efeito na economia, a ABPA (Associação Brasileira de Proteína Animal) vê impactos na rentabilidade do setor.

“Conseguimos manter a produção, mas com custos elevados pelas medidas de segurança”, diz o presidente da entidade, Ricardo Santin. “Mas a rentabilidade foi prejudicada, e agora, com o aumento no preço dos insumos, mais ainda.”

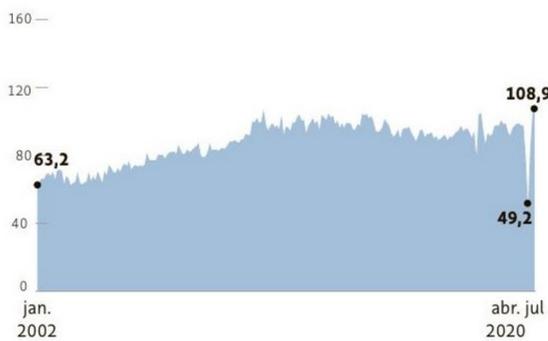
Recuperação da indústria é desigual e expõe dificuldades anteriores à pandemia

Alguns setores mais ligados a bens essenciais já vinham bem e se reforçaram com a pandemia



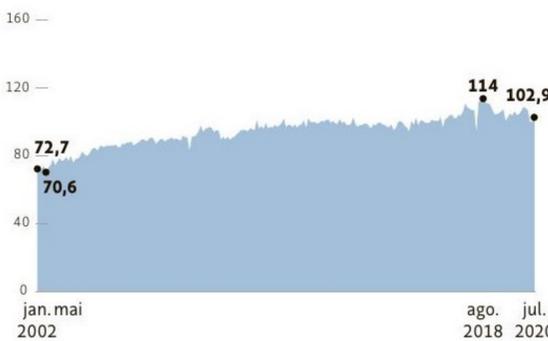
Produção de alimentos

Além de não parar durante a pandemia, a indústria de alimentos chegou a ser pressionada pela corrida aos supermercados no início da crise, levando a dificuldades na reposição de estoques. O setor já vinha em ritmo forte e cresceu ainda mais, chegando em julho a níveis próximos aos de antes da crise de 2014



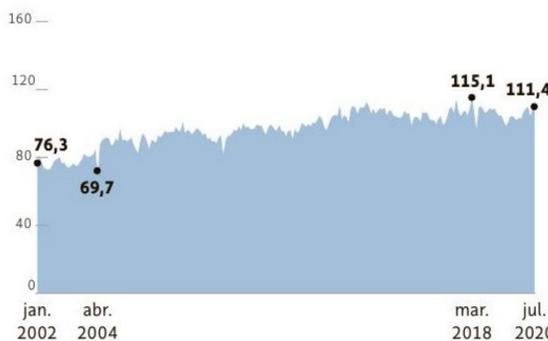
Fabricação de bebidas

A indústria de bebidas teve um tombo forte no início da pandemia, com as medidas de isolamento social, mas a recuperação foi tão rápida que em julho o setor não só recuperou as perdas como alcançou o maior patamar de produção da história. Assim como alimentos, é um setor que já vinha aquecido nos últimos anos



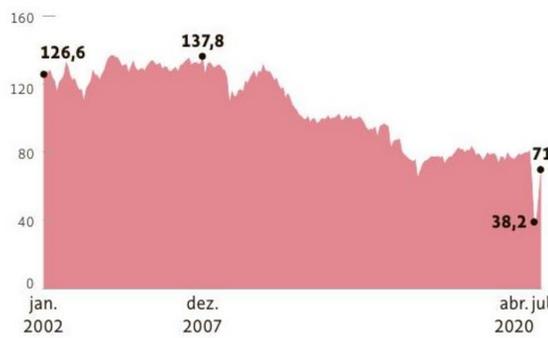
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel

A queda nas exportações e o menor uso de papel em escritórios durante o isolamento social foram parcialmente compensados pelo aumento da demanda por embalagens e papel higiênico. Ainda assim, a produção em julho ainda foi 5,5% menor do que a de fevereiro, mesmo depois de dois meses de alta



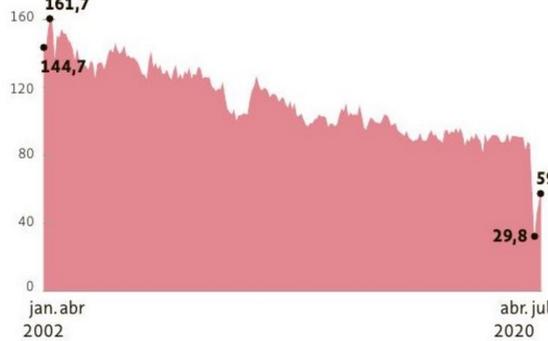
Fabricação de sabões, detergentes, produtos de limpeza e cosméticos

Assim como ocorreu com os alimentos, produtos de limpeza e cosméticos têm saldo positivo na pandemia, respondendo à maior preocupação do consumidor com higiene e limpeza da casa. Em julho, o setor produziu 4,5% a mais do que em fevereiro e está bem próximo do recorde atingido em março de 2018



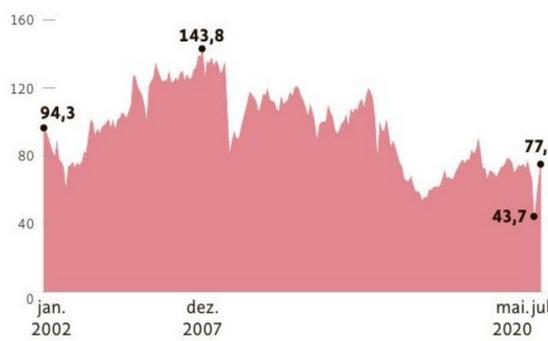
Fabricação de produtos têxteis

O setor têxtil já vinha em crise desde 2014, mas iniciou o ano prevendo um 2020 melhor. No pico da pandemia, porém, chegou a operar com 20% da capacidade, movimento que provocou cerca de 70 mil demissões. Hoje, o nível de utilização está em 65% e o setor torce por um Natal ao menos igual ao de 2019



Preparação de couro e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados

A indústria calçadista também vivia sob efeitos da crise de 2014 e começou o ano otimista. Mas a produção chegou a cair quase 75% em abril e, mesmo com a retomada, o setor acumula um saldo negativo de 43 mil postos de trabalho. A expectativa é fechar o com vendas, no mínimo, 16% menores que em 2019



Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos

O setor, bastante impactado na crise de 2014, passou por um período de recuperação mas andava de lado nos últimos anos. A adoção de home office e do ensino a distância ajudaram na recuperação rápida do pico da pandemia. Em julho, já produzia 8,6% a mais do que em fevereiro



Fabricação de máquinas e equipamentos

Um dos termômetros do investimento no país, a indústria de máquinas e equipamentos também não conseguiu se recompor após a crise de 2014. Enfrenta a paralisia da economia e, mesmo após a recuperação nos últimos dois meses, ainda produz 9,2% a menos que em fevereiro e está na metade do patamar do pico histórico, de 2008

Outros ensaiavam recuperação da recessão iniciada em 2014, mas foram abatidos pela crise da Covid-19



Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias

Uma das mais atingidas pela crise, a indústria automotiva já vem operando com capacidade ociosa desde a crise de 2014. O setor iniciou o ano otimista, após recuperação em 2019, mas com a pandemia chegou a fechar 64 das 65 fábricas no país e hoje teme que o excesso de capacidade no mundo prejudique exportações no futuro



Metalurgia

Com as montadoras entre seus principais clientes, a indústria metalúrgica também se recuperava em 2019, até ser impactada pela pandemia. O setor, porém, mostra mais vigor que a produção de veículos, já que se beneficia também do crescimento das vendas de eletrodomésticos, que cresceram 3,6% no ano

Fonte: IBGE